

# Sessenta anos de pilhagem e limpeza étnica contra o povo palestino

CECÍLIA TOLEDO E JOSÉ WELMOWICKI

PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES UNIFICADO (PSTU), BRASIL  
CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA MARXISMO VIVO

Bem que poderíamos colocar esse título neste artigo, que trata dos 60 anos da fundação do Estado de Israel. Há sete anos, mais precisamente em 2001, a revista *Marxismo Vivo* publicava em suas páginas um artigo intitulado *Cinco Décadas de Pilhagem e Limpeza Étnica*, recapitulando esses 50 anos de massacre e espoliação contra o povo palestino que se materializam no Estado títere do imperialismo no Oriente Médio. Agora resolvemos publicar novamente aquele artigo, por dois motivos principais. O primeiro deles é que para grande parte dos leitores da *Marxismo Vivo* o artigo permanece inédito. Em segundo lugar, por sua atualidade. O artigo conta a história da fundação de Israel, e não do ponto de vista do sionismo ou da história oficial, mas do ponto de vista do materialismo histórico, que é o ponto de vista dos trabalhadores e dos povos oprimidos. E busca focar o problema de Israel em suas linhas mestras: o complexo problema do povo judeu, a farsa da “terra prometida”, o significado político dessa estratégia do imperialismo inglês e americano no mundo árabe, uma das regiões mais ricas do mundo em petróleo. Essas são questões prévias e, portanto, fundamentais para se entender o conflito no Oriente Médio.

A história de Israel, em todos esses anos, esteve marcada por um fato que a atravessou de ponta a ponta, desde o primeiro dia de sua fundação até hoje: a **resistência palestina**. Em alguns momentos, mais dura, em outros, mais acuada, a luta do povo palestino contra a ocupação de seu território é o que realmente está cumprindo 60 anos hoje e o que nós, lutadores revolucionários do mundo todo, verdadeiramente comemoramos.

Hoje, a resistência palestina e o repúdio internacional colocam em xeque o Estado de Israel. Está cada vez mais difícil encobrir a realidade e apresentar o monstro sionista como a “democracia ameaçada por perigosos terroristas”. No dia 15 de maio, para comemorar o aniversário de Israel, Bush foi a Jerusalém e fez um discurso no parlamento sionista para tentar recuperar um pouco da credibilidade de Israel e Olmert, totalmente capengas, e da sua própria, como presidente dos Estados Unidos.

As frases de Bush sobre a identidade do “povo eleito” de Israel e os EUA deixaram clara a aliança entre o imperialismo americano e a pátria sionista. Mas enquanto isso, nas ruas a população árabe contava uma outra história, a verdadeira história de uma das maiores usurpações da história. Nas ruas se manifestava a re-

\* Dia da Nakba. Para os palestinos, o dia da fundação de Israel é conhecido pela palavra Nakba, que em árabe significa catástrofe. Esse dia foi o marco para que a expulsão e a limpeza étnica sistemática passassem a ser uma constante, há 60 anos. Para deixar claro que a fundação de Israel significou a desgraça, a miséria, a morte para milhões de pessoas, de uma população inteira. É um dia de luto para eles. Por isso, todo ano, na mesma data em que os sionistas e o imperialismo comemoram o estado de Israel, os palestinos fazem o Dia da Nakba.

sistência e o repúdio entre a população árabe que vive nos territórios expropriados em 1948. No dia 8 de maio, em Sarfuria, se comemorou o Dia da Nakba (\*) com uma marcha com de seis mil pessoas. A imprensa oficial informou que dezenas de feridos foram hospitalizados. Mohammed Barakeh, deputado da Frente que inclui o Partido Comunista (FDPI), e Zalakah, dirigente da Assembléia Nacional Democrática (Balad), também foram espancados pela polícia. Essa é a “democracia” praticada por Israel. Na Cisjordânia e em Gaza, manifestações massivas marcavam o dia e apesar da proibição da chamada ANP fantoche, desafiaram suas ordens e saíram às ruas em Ramallah. Dezenas de milhares de palestinos se manifestaram nas maiores marchas desde o início da segunda Intifada em 2000, dentro e fora das fronteiras de 1948.

### **Israel em perigo?**

Seria impensável, há 40 anos, que o próprio *establishment* de Israel estivesse temendo por seu futuro. Mais ainda com as expansões seguidas de seu território e o impressionante dispositivo militar que inclui armas nucleares e o apoio total do imperialismo americano. Mas é o que acontece hoje na mente e na atitude dos dirigentes sionistas, que são obrigados até mesmo a se comparar com um dos piores regimes já havidos no mundo: o *apartheid* sul-africano. Em recente entrevista ao jornal *The New York Times*, Ehud Olmert diz: “Os palestinos fazem uma campanha contra Israel no estilo da Argélia, mas eu temo que eles lancem uma campanha no estilo da África do Sul contra nós. Se forem impostas sanções internacionais contra nós, como foram feitas contra o apartheid, o Estado de Israel estará em perigo”.

A comparação é coerente. Ambos os projetos coloniais foram montados para países ocupados sob os auspícios do imperialismo britânico e americano. Em 1949, Israel controlava 78 % da Palestina e já tinha expulsado entre 750 a 800.000 palestinos de seus lares, gente que jamais pôde retornar. Transformaram-se em refugiados espalhados pelos países vizinhos e enjaulados nos territórios ocupados de Cisjordânia e Gaza. Era o método para garantir a supremacia racial “judaica” inerente ao projeto do Estado sionista. Por isso, até hoje os líderes israelenses tremem nas bases só em pensar que os judeus podem ser uma minoria demográfica diante do maior crescimento vegetativo entre a população palestina. Daí se manter a política de limpeza étnica, praticada permanente e sistematicamente contra o povo palestino.

### **É possível a paz com o Estado sionista e a reforma do apartheid israelense?**

Nesse projeto do Estado sionista, a derrota de Gaza, que passou a funcionar como território independente depois da vitória do Hamas, é uma questão estratégica. Por isso, bloqueou totalmente a fronteira. Não passa nada, nem medicamentos, nem enfermos, nem combustível, fazendo com que a população da faixa de Gaza ficasse sem eletricidade boa parte do dia. A vida de mais de um milhão de pessoas ficou sob risco iminente, porque os serviços básicos, como hospitais e saneamento, incluindo a purificação da água, ficaram bloqueados. A própria ONU suspendeu a ajuda humanitária porque não conseguia abastecer os carros. A situação ficou tão grave que até mesmo o alto comissariado da ONU teve de reconhecer que o

## Datas

---

bloqueio imposto por Israel condenava Gaza a uma “existência sub-humana”.

Na Cisjordânia, a situação é igualmente grave. No discurso, Olmert fala de paz. Na prática, continua a política de guerra contra os palestinos. Os assentamentos avançam, roubando suas terras e isolando Jerusalém; o Muro da Vergonha continua subindo, para expropriar outras faixas de terra dos palestinos; os ativistas que resistem são caçados como animais e as bombas caem sobre as cidades e acampamentos palestinos, onde quer que se vislumbre a presença de um guerrilheiro.

Ao longo de toda a Cisjordânia existem 600 postos militares de passagem (os *checkpoints*) onde os palestinos são impedidos de viajar até mesmo para outras partes dos territórios ocupados depois de 1967, enquanto os colonos judeus se movimentam à vontade por estradas abertas especialmente para eles, obviamente sem *checkpoints*. Cerca de 11 mil políticos e ativistas palestinos apodrecem nas prisões sionistas, sendo que centenas deles são menores de idade. **Desses, 70 presos já cumpriram mais de vinte anos de prisão. A tortura é sistemática e praticada com autorização da justiça e os “assassinatos seletivos” de ativistas nos territórios já viraram rotina. A terrível contradição histórica é que são os descendentes dos perseguidos na Europa pelo nazismo os que agora aplicam esses mesmos métodos contra o povo palestino.**

Não é por acaso que o regime sionista sempre manteve ótimas relações com os líderes do *apartheid* sul-africano, do Partido Nacional, declarados simpatizantes e aliados dos nazistas na II Guerra Mundial, porque pregaram e sustentaram um sistema semelhante de segregação racial ao de Israel. As relações de cooperação militar e na área de segurança foram estreitas enquanto durou o *apartheid* na África do Sul. Seu caráter de enclave militar a serviço dos EUA pode ser medido em números: o império americano, seja qual for o governo de turno, sempre fez questão de manter o financiamento da guerra permanente de Israel contra os palestinos, desde sua fundação, há 60 anos. A partir de 1948, Israel foi o maior beneficiário da ajuda estrangeira dos EUA, num montante que já atinge a casa dos 108 bilhões de dólares.

“Não podemos celebrar o nascimento de um Estado fundado no terrorismo, nos massacres e na expulsão de outro povo de sua terra”.

A imagem mundial do sionismo como um movimento “progressista” e até mesmo “socialista”, para alguns, vai sendo desmascarada. A destruição causada no Líbano e a ação genocida em Gaza fizeram com que cada vez mais intelectuais e setores médios, que antes simpatizavam com Israel, agora denunciem seu papel repressor e usurpador. O isolamento do sionismo vai crescendo no mundo inteiro, especialmente no seio dos movimentos sociais e entre os trabalhadores. Um processo que lembra a luta contra o *apartheid* da África do Sul nos anos 70 e 80. Vai se espalhando pela Europa, envolvendo sindicatos, associações de docentes e universidades, além de intelectuais de prestígio. Essa posição corajosa bate de frente com a política dos governos da União Européia, que estreitam seus laços com os genocidas que dirigem o Estado de Israel.

Na Inglaterra, vários sindicatos nacionais de peso assumiram a posição de boicotar os produtos israelenses, devido às políticas criminosas de Israel nos territórios palestinos. Os poderosos TGWU (sindicato nacional dos trabalhadores do transporte) e a UNISON (servidores públicos) votaram em seus respectivos congressos essa mesma posição. A Associação Nacional Britânica de Professores

em Educação Superior aprovou um boicote contra as instituições educacionais israelenses que não condenarem a “*política de apartheid*” do governo.

Na Irlanda, o Congresso nacional da Central Sindical irlandesa votou em 2007 uma moção exigindo sanções econômicas contra Israel pela política anti-Palestina e estimular uma “ativa política de boicote e desinvestimento”. A União dos Professores Canadenses seguiu a mesma orientação: decidiu boicotar Israel até que o país reconheça o direito de autodeterminação dos árabes palestinos.

Importantes intelectuais desistiram de participar do Salão do Livro de Paris e da Feira do Livro de Turim para não compactuar com a relação preferencial dos governos e empresas com o Estado racista sionista. Em uma carta publicada pelo jornal inglês *The Guardian* assinada por cem prestigiados intelectuais judeus encabeçados pelo dramaturgo Harold Pinter, manifestam seu repúdio às comemorações pelos 60 anos de Israel. *“No total, 750.000 palestinos se converteram em refugiados. Umhas 400 aldeias foram varridas do mapa. Não acabou aqui a limpeza étnica. Milhares de palestinos (com cidadania israelense) foram expulsas da Galiléia em 1956. E muitos milhares mais quando Israel ocupou a Cisjordânia e Gaza. Segundo a Lei Internacional e a Resolução 194 da ONU, a população refugiada por causa de uma guerra tem o direito a retornar ou a ser compensada. Israel jamais aceitou esse direito. Nós não o celebraremos. Nós não podemos celebrar o nascimento de um Estado fundado no terrorismo, nos massacres e na expulsão de outro povo de sua terra”*.